



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

***ÁRVORE DE SANGUE: DOCUMENTÁRIO SOBRE O I JOGOS  
MUNDIAIS DOS POVOS INDÍGENAS***

**LUCIANA DE MORAIS GUEDES**

**RIO DE JANEIRO**

**2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

***ÁRVORE DE SANGUE: DOCUMENTÁRIO SOBRE O I JOGOS  
MUNDIAIS DOS POVOS INDÍGENAS***

Trabalho prático submetido à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**LUCIANA DE MORAIS GUEDES**

**Orientadora: Profa. Dra. Consuelo da Luz Lins**  
**Coorientador: Prof. Dr. Luiz Augusto Rezende Filho**

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Relatório *Árvore de Sangue: Documentário sobre os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas*, elaborada por Luciana de Moraes Guedes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Coorientador: Prof. Luiz Augusto Resende Filho  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Eduardo Granja Coutinho  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Guiomar Ramos  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes - USP  
Departamento de Comunicação – USP

RIO DE JANEIRO

2016

GUEDES, Luciana de Moraes. **Árvore de Sangue: Documentário sobre o I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas**. Orientadora: Consuelo da Luz Lins. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho registra o primeiro megaevento esportivo bancado por governos e instituições políticas destinado a atletas indígenas. O I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas aconteceram entre os dias 23 de outubro e 1 de novembro de 2015, em Palmas, capital do Tocantins. O fato de o Tocantins ser um dos estados com maior contingente indígena do país foi considerado para a escolha da cidade sede. Contudo, no dia da abertura da Arena Verde, o congresso nacional coloca em votação a PEC 215, que ameaça o processo de demarcação de terras indígenas e quilombolas e a autonomia dos povos do campo. Ainda na mesma data a presidência da república dá andamento ao decreto MATOPIBA, a expansão da última fronteira agrícola brasileira. O registro desses acontecimentos é feito através de entrevistas e declarações com personagens que fizeram parte do evento de alguma forma emblemática além de imagens de apoio no entorno do evento.

## FICHA CATALOGRÁFICA

GUEDES, Luciana de Moraes.

*Árvore de Sangue*: Documentário sobre o I Jogos Mundias dos Povos Indígenas/ Luciana de Moraes Guedes. Rio de Janeiro, 2016.  
20 folhas

Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. 2016

Orientadora: Consuelo da Luz Lins

Coorientador: Luiz Augusto Rezende Filho

## ÍNDICE

<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>2. Contexto .....</b>	<b>3</b>
<b>3. Mito do Respeito e Hegemonia .....</b>	<b>9</b>
<b>4. Considerações sobre Jornalismo, Documentário e o processo fílmico .....</b>	<b>12</b>
<b>5. Conclusão .....</b>	<b>18</b>
<b>6. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>19</b>

## 1. Introdução

Em 2015, na cidade de Palmas, no Tocantins, aconteceram os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI), oficialmente organizado pela prefeitura de Palmas, o Comitê Intertribal e o Ministério dos Esportes, na época a cargo do radialista George Hilton, e com ajuda de financiamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Contudo, uma das principais idealizadoras da organização do evento, a ex-ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Kátia Abreu<sup>1</sup>, que visitou aldeias e encontros com lideranças indígenas para a divulgação dos Jogos, é uma das figuras-chave da expansão do agronegócio e retirada de direitos dos povos originários no Brasil. Ainda assim, o grande evento esportivo foi propagandeado como um momento importante de celebração das culturas indígenas:

Depois do sucesso da Copa do Mundo, o Brasil se consolida como sede de grandes eventos esportivos. O próximo desafio será a realização dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI)[...]Com o mote “Em 2015, somos todos indígenas”, a capital do Tocantins está se preparando para receber atletas de dezenas de etnias de todo o mundo.<sup>2</sup>

A abertura dos JMPI foi no dia 23 de outubro de 2015. Precisamente no mesmo dia, e na mesma hora, por volta das 12h, quando os portões da Arena Verde foram abertos para atletas indígenas de vários lugares do mundo, em Brasília, o Congresso Nacional ressuscitava a votação de uma PEC repetidamente arquivada nos últimos 15 anos pelo contrassenso diante sua legalidade. A PEC 215 transfere da FUNAI e do Executivo ao próprio Poder Legislativo o poder de demarcação de terras indígenas no Brasil. Ainda no mesmo dia, a presidenta da república, Dilma Rousseff esteve em Palmas para uma reunião com a Ministra Abreu, pautando o decreto MATOPIBA: Projeto agrário desenvolvimentista de produção de larga escala de plantios de alta tecnologia, que amplia a fronteira agrícola brasileira, visado principalmente a extração da celulose<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em :<http://senadorakatiaabreu.com.br/1o-jogos-mundiais-indigenas-em-palmas/> ; Acesso em: 10/07/2016

<sup>2</sup> (<http://www.jogosmundiaisindigenas.com/sobre/> Acesso em: 01/06/2016)

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.embrapa.br/gite/projetos/matopiba/150603\\_MicrosPrioritarias\\_MATOPIBA\\_V4.pdf](https://www.embrapa.br/gite/projetos/matopiba/150603_MicrosPrioritarias_MATOPIBA_V4.pdf) , Acesso em: 10/07/2016

Os três acontecimentos refletem a questão indígena no Brasil sobre seu histórico de perdas de direitos e territórios. O uso da imagem da cultura indígena, além de mal feita por reforçar estereótipos preconceituosos, não foi o suficiente para que os JMPI significassem qualquer tipo de legado físico ou material para os povos do Tocantins. O custo do evento estimado pela própria Secretaria competente em mais de R\$ 100 milhões não deram cabo da construção de um espaço apropriado, tendo todas as competições acontecidas em estruturas improvisadas e temporárias, muito diferentes do projeto prometido.

A oportunidade de problematizar essas questões é o objetivo do filme curta-metragem documental *Árvore de Sangue*. A tentativa de colocar em evidência os interesses em disputa que estão simbolizados nesse evento visa contribuir para a difusão de discursos pautados pelos povos originários nos movimentos de resistência e retomada. A representatividade política, bem como a importância social e ecológica são tematizadas a partir dos depoimentos de indígenas, militantes e de representantes das instituições responsáveis pela organização dos JMPI.



## 2. Contexto

Fazendo referência ao “sucesso” da Copa do Mundo de futebol no Brasil, a propaganda dos Jogos Indígenas se coloca como herdeira dessa nova atribuição do país: sede de grandes eventos esportivos. Faz-se necessária a reflexão sobre o que representa esse *status*, a partir de experiências passadas na história dos megaeventos esportivos, e da própria conjuntura que envolveu a realização dos Jogos Pan-americanos no Brasil e da Copa do Mundo de 2014.

Em 1936, os Jogos Olímpicos de Berlim “forneceram um palco para a estética nazi e foi utilizado como veículo de propaganda pelo regime hitleriano, como nunca antes acontecera.”; O episódio que ficou conhecido como Massacre de Tlatelolco, no México, quando 300 manifestantes foram assassinados pelo exército mexicano há 10 dias da abertura dos Jogos Olímpicos que o país sediava; A Copa do Mundo de Futebol que aconteceu no Brasil em 1970 na plena ditadura militar, são alguns exemplos de como grandes eventos esportivos foram ferramentas de demarcação de poder e prerrogativa do uso da violência contra dissidências políticas.

Para Carlos Vainer, professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, os mega eventos esportivos na contemporaneidade, estão ligados à uma agenda capitalista de um mercado global de cidades:

Há uma reconfiguração do conceito da cidade e da metrópole em particular, do lugar e do papel da cidade no processo de acumulação do capital. Isso tem recebido vários nomes. A financeirização das cidades é uma dessas dimensões, os processos de privatização dos espaços públicos é outra. Ambas inseparáveis. Há uma que me parece muito relevante para essa discussão que é a ideia de pensar a cidade como se fosse uma empresa, em competição com outras cidades empresas, num mercado mundial de cidades.” (VAINER, 2013, palestra Cidades Rebeldes, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NFxAFJYkSwo>. Acesso em: 01/06/2016)

Os JMPI tiveram um orçamento estimado de R\$100 milhões<sup>4</sup>: verba que corresponde a aproximadamente 10 vezes o orçamento anual da FUNAI para “Fiscalização

---

4 Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2015/10/22/contradicoes-dos-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas-ficam-evidentes-com-a-proximidade-do-evento/>; Acesso em 03/03/2016

e Demarcação de Terras Indígenas, Localização e Proteção de Índios Isolados e de Recente Contato”<sup>5</sup>. O orçamento do evento acontece graças ao incentivo do Ministério dos Esportes de U\$13 milhões (R\$ 50 milhões) para o PNUD: órgão da ONU que coorganiza os jogos com a Prefeitura de Palmas; Também há um repasse de R\$4,5 milhões do Ministério dos Esportes para a Prefeitura de Palmas que já avia disponibilizado do caixa municipal mais R\$4 milhões; o resto do montante foi viabilizado por empresas privadas como a Odebrecht Ambiental, Oi, EHL e Energisa<sup>6</sup>.

## 2.1 PEC 215

Resultado de um esforço conjunto da Bancada Ruralista<sup>7</sup> com o então presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ) a volta da PEC 215 como matéria de votação representa uma afronta aos direitos constitucionais dos povos tradicionais uma vez que na prática inviabilizaria a demarcação e ampliação de áreas de povos tradicionais. No entanto, dia 27 de outubro de 2015 a Comissão Especial da Demarcação de Terras Indígenas em uma sessão esvaziada como forma de protesto pelos partidos presentes contrários a votação, aprovou por 21 a 0, o substitutivo do relator deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR), sobre a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215/2000<sup>8</sup>.

## 2.2 MATOPIBA

Em seis de maio de 2015 a presidenta Dilma Rousseff assinou um decreto presidencial instituindo o plano de desenvolvimento agropecuário do MATOPIBA (PDA MATOPIBA), que tem por finalidade “promover e coordenar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico sustentável fundado nas atividades agrícolas e pecuárias que

---

5 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/01/13/com-menor-orcamento-em-4-anos-funai-vai-recorrer-a-paises-estrangeiros.htm>; Acesso em 03/03/2016

6 Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151015\\_jogos\\_mundiais\\_indigenas\\_boicote\\_ms\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151015_jogos_mundiais_indigenas_boicote_ms_rb) ; Acesso em 03/03/2016

7 Disponível em: <http://republicadosruralistas.com.br/#bancada> ; Acesso em 03/03/2016

8 Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-10/comissao-aprova-pec-que-da-ao-congresso-palavra-final-sobre-demarcacao-de> ; Acesso em : 10/07/2016

resultem na melhoria da qualidade de vida da população.”<sup>9</sup>

A sigla MATOPIBA resulta de um acrônimo criado com as iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. O projeto atua em uma realidade geográfica que recobre parcialmente os quatro estados mencionados, praticamente todo o bioma Cerrado, e é caracterizada como a “expansão da fronteira agrícola baseada em tecnologias modernas de alta produtividade.”<sup>10</sup>

O decreto também tem a assinatura da ex-ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Kátia Abreu (PMDB-TO) que é empresária e pecuarista. A popularmente referida como Ministra da motosserra foi relatora da MP da Grilagem (Medida Provisória nº 458/2009) que compactua com a invasão de terras públicas na Amazônia legal, uma das principais defensoras do Novo Código Florestal, conhecida por fazer discursos contra indígenas em fóruns institucionais e esteve a frente das negociações do PDA MATOPIBA e dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas de forma paralela.

Em prática o MATOPIBA repete o modelo desenvolvimentista agrário empregado no Fome Zero, programa assistencialista de alimentação instaurado no primeiro mandato do Presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva que com a premissa de extinguir a fome no Brasil permitiu que as “plantações baseadas em tecnologias modernas de alta produtividade” tornassem o país o maior e consumidor de agrotóxicos do mundo: a venda de agrotóxicos no Brasil saltou de US\$ 2 bilhões em 2001 para mais de US\$ 8,5 bilhões em 2011. Desde 2009, o país é o maior consumidor mundial, com uma média de ingestão de um milhão de toneladas por ano, o equivalente a 5,2 kg de veneno por habitante<sup>11</sup>.

O intenso consumo de agrotóxicos no Brasil está diretamente relacionado com a prática de plantio de alimentos geneticamente modificados no país, o segundo maior produtor de transgênicos do mundo, atrás somente dos criadores e maiores exportadores de sementes geneticamente modificadas e agrotóxicos do mundo, os Estados Unidos. O plantio do transgênico exige o uso de um agrotóxico, geralmente adquirido em uma venda casada, que só aquela forma de vida sintética é resistente e gera uma reação em cadeia

---

9 Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8447.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8447.htm) ; Acesso em 03/03/2016

10 Disponível em: <https://www.embrapa.br/gite/projetos/matopiba/matopiba.html> ; Acesso em 03/03/2016

11 Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/brasil-lidera-ranking-de-consumo-de-agrotoxicos-15811346> ; Acesso em 03/03/2016

onde progressivamente os venenos tem de ser mais potentes. O contraponto ecológico nesse tipo de negócio é ignorado. Os agrotóxicos são grandes responsáveis pela poluição de mananciais inteiros, destruindo a biodiversidade e provocando reduções significativas em várias espécies e comprometendo o modo de vida tradicional de várias comunidades que travam batalhas políticas e até armadas para assegurar o direito ao território almejado pelos grandes produtores rurais.

Na continuidade da revolução verde, a revolução dos genes orienta a pesquisa agrícola inspirada em um paradigma reducionista, tornando a biodiversidade um empecilho, adverso à exploração do agrossistemas. Ao contrário do que foi anunciado pelas multinacionais de biotecnologia, assistimos, com o desenvolvimento em grande escala das plantas transgênicas pesticidas, a um aumento do consumo de agrotóxicos sem que seja observável um aumento significativo do rendimento. (ZANONI & FERMENT, 2011, p. 20)

Os Organismos Geneticamente Modificados (OGM's) até hoje não possuem estudos que assegurem seu consumo e são relacionados a vários tipos de patologias inclusive o câncer, porém o *lobby* para sua difusão foi amplamente aceito no Brasil e suas consequências são mais sensíveis para as populações tradicionais que lidam com o ônus desse modelo agrário como um novo desafio para a sobrevivência. A contaminação do solo, dos rios e da genética dos alimentos inviabiliza a pesca artesanal e as lavouras orgânicas familiares que constituem a base alimentícia dessas populações, comprometendo seus modos de vida constitucionalmente assegurados.

### **2.3 Agronegócio e território**

A observação e a análise crítica realizadas durante as filmagens dos JPMI incitam a compreensão de que o evento esportivo está ligado à uma agenda muito mais perversa e complexa da articulação do Estado com o capital estrangeiro no território agrário brasileiro. O fato de negociações pela expansão da fronteira agrícola brasileira estar sendo realizadas simultaneamente às competições dedicadas aos povos indígenas, e as recentes deliberações a cerca das plantações transgênicas no Brasil, resultam em mais retrocessos

para a população de comunidades rurais.

Nos últimos vinte anos, ocorreu uma acelerada reorganização do Estado pelos setores dominantes, aprofundando-se o ingresso de inúmeras organizações de base empresarial no aparelho direto do Estado, acopladas ao predomínio da financeirização monopólica no interior das classes dominantes. Esse processo, que corresponde à expansão do que é usualmente denominado de neoliberalismo (que se expressa, por exemplo, nas parcerias público-privadas). (FONTES, 2008, p. 154)

É possível afirmar que há, atualmente, uma movimentação por parte de setores do governo para dar cabo ao investimento no agronegócio da celulose. A finalização da Ferrovia Norte-Sul para escoamento de grãos e da celulose pode ser entendida como uma dessas investidas. A primeira parte da obra, que liga a cidade de Piriápolis, em Goiás, à Palmas, no Tocantins, durou 27 anos para ser concluída, e em 2015, através de manobras burocráticas, a gestão do Executivo tenta incentivar as empresas construtoras a finalizarem rapidamente os quase 700 km restantes, que vão ligar o Estado do Mato Grosso do Sul, pela cidade de Três Lagoas, aos portos de Belém do Pará, onde as mercadorias serão exportadas.

Na mesma cidade de Três Lagoas (MS), será construída o maior complexo de cultivo e produção de celulose do mundo, da empresa Eldorado Celulose, que é controlada por uma *holding* brasileira J&F, a mesma que controla outras empresas ligadas ao agronegócio como a JBS e o Canal Rural<sup>12</sup>. Toda essa estrutura será localizada no estado brasileiro, onde existem relatos constantes de conflitos entre populações indígenas e agropecuaristas de grande porte, na disputa pela terra. Atualmente, o resultado observado desse embate tem sido o recuo dos direitos do primeiro grupo, em detrimento do crescimento do agronegócio na região.

Outra grande empresa envolvida nesse investida é a Futuragene, que foi a responsável pelos projetos de pesquisa que culminaram no Eucalipto Geneticamente Modificado (EGM) desenvolvido para o uso brasileiro. Seria possível identificar outras presenças do capital privado em aspectos relacionados ao fato descrito.

---

12 Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,eldorado-lanca-fabrica-de-celulose-em-tres-lagoas-ms,22801e>; Acesso em: 10/07/2016

Conclui-se assim, que existe uma relação estreita entre empresas privadas, e a condução desse processo pelo Estado Brasileiro e suas instituições. O que evidencia que a entrada desse OGM no Brasil tem a finalidade mercadológica superior às demais, como a ecologia e segurança alimentar, se considerarmos que empresas privadas só se prontificam a atuar aonde existem oportunidades lucrativas.

### 3. O mito do respeito e hegemonia

Foi uma característica presente no evento a simulação de rituais simbólicos para aproximar a imagem dos Jogos à uma suposta cultura indígena generalizada. Essa investida da organização aponta para uma apropriação de valores hegemônicos em relação às práticas tradicionais indígenas.

Um dos exemplos mais marcantes nesse aspecto foi a mostra Cunhã Porã (Mulher bonita), que apresentava as mulheres mais “bonitas” de cada etnia em um desfile de passarela dentro da Arena Verde<sup>13</sup>. Mas é possível identificar traços de distorções interpretativas em relação às culturas indígenas em todo o escopo dos Jogos. Nesse sentido, Antônio Apinajé, liderança do povo Apinajé do Tocantins comenta sobre as chamadas “modalidades nativas” de competição:

As corridas de toras, o tiro de arco e flecha e a canoagem são afazeres cotidianos e fazem parte da vida e da espiritualidade dos povos indígenas. Nas aldeias, muitas práticas e cerimônias indígenas são rituais sagrados e não podem ser mercantilizados, banalizados e transformados em folclore e espetáculo para turistas não-indígenas. (APINAJÉ, apud CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO, 2015, p.05)

Sob essa perspectiva, o conceito de hegemonia, no sentido atribuído por Virgínia Fontes, em seu artigo Intelectuais e Mídia - Quem dita a pauta?, permite refletir sobre essa prática de distorção da realidade e dos interesses transversais da propaganda do suposto respeito à cultura tradicional dos povos originários. Para Fontes, “Refletir sobre as modalidades de hegemonia e de contra-hegemonia supõe analisar as formas de convencimento, de formação, de pedagogia de convencimento e de difusão de visões de mundo.” (FONTES, 2008, p.160).

Essa perspectiva da atuação hegemônica “(...) exige também não esquecer que a hegemonia se reveste de maneiras mais ou menos discretas de exercício da coerção, através da violência aberta ou simbólica.” (FONTES, 2008, p. 158), coloca em xeque a visão de que esta se reduz a um momento apenas de emissão, mas envolve também as ideias

---

13 Disponível em: <http://www.jmpi2015.gov.br/noticia/103/cunhyc-poryc-mostra-beleza-indygyena-de-60-mulheres>; Acesso em 13/07/2016

estimuladas, o desdobramento da difusão dessas ideias:

Não se deve reduzir a dimensão persuasiva da hegemonia a um momento puramente discursivo, pois, se a hegemonia envolve as maneiras de pensar (e, portanto, as ideias), implicam também – e sobretudo – as formas concretas como tais ideias são elaboradas por determinados sujeitos sociais e difundidas por entidades e organizações, convertendo-se em atividade efetiva, mediante práticas sociais específicas que articulam técnicas difundidas por diferentes meios.(FONTES, 2008, p.145)

No site oficial do evento essa característica de agenciamento de consensos própria da atuação da hegemonia é identificável. Entre as abas temáticas do site, uma é específica para a divulgação das notícias que permeiam o assunto dos Jogos, tendo uma pluralidade de assuntos, como os investimentos injetados na cidade de Palmas, ritos religiosos promovidos por etnias às vésperas das competições, debates sobre legados possíveis, publicação de livros sobre a temática indígena, etc. No total, 205 notícias foram publicadas no período de 25 de setembro de 2014 e 9 de novembro de 2015. Nenhuma notícia se aproximava da temática de território ou de outras pautas históricas dos movimentos organizados pelas nações indígenas, ainda que neste período a paralisação dos procedimentos de demarcação de terras indígenas tenha sido aprofundada.(CIMI, 2014, p.10)

Em 2014, o fortalecimento da bancada ruralista no congresso e das políticas voltadas para a expansão do agronegócio teve reflexos diretos no processo de retomada, pois “mesmo havendo trinta processos de demarcação sem qualquer impedimento técnico ou jurídico, alguns há anos, nenhuma terra indígena foi homologada, e apenas uma foi declarada como tradicional”. (CIMI, 2004, p.13)

Pode-se afirmar que o filme lida com esse momento de investida hegemônica em relação à aprovação da PEC215, a articulação do MATOPIBA, a apropriação cultural que os próprios Jogos representam. Ainda assim, tal aspecto não deve ser entendido como um fenômeno simplesmente ligado a um evento, a maioria das decisões institucionais em relação à garantia de direitos indígenas e de outras comunidades marginalizadas são tomadas em fóruns com baixa ou nenhuma representatividade dos mesmos.



Outro fato que merece atenção e que dá nome ao filme em questão foi que os responsáveis pela organização dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas contrataram um artista plástico para criar uma obra de arte em homenagem aos povos residentes nas aldeias do Tocantins, e que essa obra de arte era uma árvore pintada com um vermelho cor de sangue, enterrada na terra de cabeça para baixo e com suas raízes expostas.

Em uma das entrevistas realizadas com uma liderança indígena chamada Narúbia Javaé, da nação Javaé que vive na Ilha do Bananal, no rio Tocantins, ela explicou que é comum entre as culturas indígenas uma identificação com as árvores, pois assim com os índios, estas precisam da terra e da natureza para se alimentar, crescer e viver. E que por isso, muitas nações estavam insatisfeitas como a obra de arte que os homenageavam, pois esta árvore estava morta, seca e com as raízes expostas.

#### **4. Considerações sobre o Jornalismo, Documentário e o processo fílmico**

Não se deve reduzir o Jornalismo a uma atividade técnica ou intelectual. Mesmo que ainda hoje existam alguns jornalistas que o sugiram como a solução para os problemas da humanidade, permanece complicado designar uma conceituação para o Jornalismo e mais ainda achar um consenso sobre sua definição em sua Teoria. Porém, o que nunca pode passar despercebido é a sua capacidade de produzir e reproduzir conhecimento.

Na hipótese defendida por Meditsch (1997) em seu ensaio *O jornalismo é uma forma de conhecimento?*, o Jornalismo é uma forma de produção de conhecimento, que pode tanto servir para reproduzir determinado saber quanto para degradá-lo, inclusive, coloca a possibilidade de acontecerem às duas questões ao mesmo tempo.

Os efeitos causados pela comunicação social e a forma como é construída a imagem da realidade social, representam um dos mais complexos e significativos temas a serem debatidos pelos estudiosos dos meios de comunicação de massa das mais variedades áreas.

A prática documental do cinema e a sua crítica têm se deparado com paradigmas constantes no questionamento sobre a capacidade de veridicidade que o documentário pode apresentar. Por ser enquadrado como um gênero do cinema, o que remete a cunho artístico, se mostra um espaço mais livre para se trabalhar com informação.

Nessa lógica, Rezende analisa um panorama da crítica teórica do cinema documental sobre a questão da representatividade possível no gênero. O que definiria um documentário? O que um documentário define? A indicação seguida é que não existe um manual para se realizar um filme documentário, nem um filme documentário deve ser interpretado como um relato preciso da realidade. Para isso o autor recorre a Bill Nichols que produz uma teoria onde “As suposições de objetividade, de neutralidade e de veracidade documentais – que tradicionalmente estiveram relacionados, de uma forma ou de outra, à atividade documentária – não teriam, portanto, qualquer sustentação.” (REZENDE, 2005, p.17)

O ponto de visto trabalhado aqui é que consta em um filme documentário “uma construção discursiva subjetiva, ideológica, produzida por “sistemas significantes” equivalentes aos encontrados no “cinema de ficção”(REZENDE, 2005.p.17). Já que, “todos os filmes, sejam eles rotulados ficção, documentário ou “de arte”, são criações,

articulações estruturadas pelo cineasta, e não registros autênticos, verdadeiros e objetivos” (RUBY *apud.* REZENDE, 2005, p.17)

Reconhecer que “o fato de a realidade ser selecionada e alterada pela presença do cineasta e pelas necessidades técnicas dos equipamentos inviabilizaria a suposição realista de um acesso direto e não intermediado ao real.”(WINSTON, *apud.* REZENDE, 2005, p.31), permite que se opere o projeto fílmico para fins e interesses diversos e selecionáveis. Todavia, tais premissas não devem atuar de forma inibidora para as realizações documentais. Ao contrário, carregam a constatação de que a criatividade é o motor de toda obra. E que a própria neutralidade é na verdade uma situação impossível.

A experiência de produção e realização do filme curta metragem documental *Árvore de Sangue* contou com o empenho de uma equipe de duas pessoas: uma estudante de jornalismo e um estudante de cinema. O cinema documental foi assim a descoberta do ponto de convergência para colocar em prática acúmulos das vivências anteriores e de quem sabe, elaborar novos paradigmas a serem debatidos.

Ao ser anunciado que Palmas sediaria um mega evento esportivo internacional, surgiu a ideia de fazer uma reportagem sobre a perspectiva dos desdobramentos de um evento desse porte na cidade. A hipótese que se confirmara era de que o fato de os JMPI serem disputados entre atletas que são indígenas, parcela historicamente oprimida pelo Estado brasileiro, ressaltaria as características mais perversas da investida do capital nestes casos.

O primeiro passo da etapa de produção foi tentar conseguir o mesmo acesso que o restante da imprensa teria, por razões distintas como questões técnicas da fotografia e da própria segurança dos equipamentos, mas o principal motivo era ter acesso às delegações de atletas. Contudo, com a divulgação do credenciamento da imprensa, ficou perceptível que era necessário recorrer a estratégia completamente independente. Em primeiro lugar não era sequer concebida a possibilidade de se credenciar como jornalista caso não pertencesse a uma empresa de comunicação. Além disso, era necessário especificar o tipo de cobertura pretendida, para quais fins ela atendia e qual seria a veiculação<sup>14</sup>.

Neste momento o projeto da reportagem foi substituído por um filme documental

---

14 Disponível em: <http://www.jmpi2015.gov.br/noticia/26/estya-aberto-o-credenciamento-de-imprensa-para-os-i-jogos-mundiais-dos-povos-indyigenas> ; Acesso em: 13/07/2016

daquele evento específico e seus diferentes personagens, mas que levasse em conta aspectos mais subjetivos da nossa experiência naquele espaço, que já se mostrava tendencioso àquela altura. Assim, foi escolhido um elemento subjetivo, que dá o nome ao filme, e que aparece em diversos momentos como uma imagem deslocada carregada de simbologia.

#### **4.1 Formatado das entrevistas**

Optamos por isso, fazer a maioria das entrevistas onde quem entrevistava não aparecesse no quadro, apenas os personagens. Também era acordado antes das entrevistas que a equipe evitaria fazer interjeições durante as falas, com raras exceções, na intenção de garantir o protagonismo dos próprios personagens. Essa abordagem era relatada aos personagens para sugerir um empoderamento dos mesmos diante à câmera. Também foi padrão das entrevistas perguntar se o entrevistado queria dizer algo que não tenha sido contemplado pela entrevista.

#### **4.2 Aspectos da Montagem**

É importante dizer que a presença dos aspectos subjetivos se fazem sobretudo no momento da montagem, o que é evidenciados pelos cortes que desfiguram a linearidade da narrativa. Foi feita uma escolha de contrapor as falas, por meio de fragmentos não diretamente articulados, mas que reverberam entre si. Além disso foi descartado o tradicional uso de cartelas de texto ou narração para explicar os acontecimentos registrados, tendo por intenção levar o espectador a deduzir e completar as informações a partir dos fragmentos unidos.

### 4.3 Cronograma

PRÉ-PRODUÇÃO	Dia 1º de fevereiro de 2015, Rio de Janeiro (RJ)
Pesquisa	
Elaboração de pautas	
Produção de formulários burocráticos	
Contatos e agendamento de entrevistas	
Tentativa de credenciamento	
Seleção do equipamento necessário	

PRÉ-PRODUÇÃO	Dia 12 a 19 de outubro de 2015, Palmas (TO)
Pesquisa de locação	
Visitas a locação	
Estabelecimento de contatos locais	
Elaboração de desenho de produção provisório	
Teste e aprimoramento das técnicas de registro	

PRODUÇÃO	Dia 20 a 23 de outubro de 2015, Palmas (TO)
Registro da montagem da arena dos jogos	
Registro de ambiências e imagens de cobertura da cidade	
Registro de falas sobre a preparação dos jogos	
Participação nas atividades do Festival de Cultura Indígenas	
Reagendamento de entrevistas	

PRODUÇÃO	Dias 23 de outubro a 1º de novembro de
----------	--

	2015, Palmas (TO)
Registro da abertura oficial	
Registro das competições	
Registro de parte das entrevistas	
Registro das atividades do calendário oficial dos jogos	
Registro do encerramento	

PRODUÇÃO	Dias 1º a 7 de novembro de 2015, Palmas (TO)
Registro das últimas entrevistas	
Registro de imagens de cobertura com base no material construído até então	
Registro da desmontagem da arena dos jogos	

PÓS-PRODUÇÃO	Dia 1º de fevereiro a 1º de julho de 2016, Rio de Janeiro (RJ)
Criação de cópias de segurança do material	
Revisão coletiva do material captado	
Reuniões de discussão conceitual sobre o material	
Propostas de técnicas iniciais de organização e seleção do material	
Edição do material	

#### 4.4 Recursos

Todos os recursos do filme partiram dos próprios produtores do projeto e de contribuições voluntárias de pessoas físicas sem compromisso político ou religioso e foram aplicados nos gastos gerados de produção. A hospedagem na cidade de Palmas foi

gentilmente cedida por colaboradores do projeto e todo equipamento empregado no filme foi cedido à produção do mesmo.

#### **4.5 Técnicas e Equipamentos**

Todo o material visual do filme foi captado em Full HD ou formatos superiores ( 2k e 4k ) no entanto a finalização do material será em formato Full HD 1080p e 24 fps. O material sonoro está em formato WAV 48kHz/24-bit.

O filme pretende utilizar técnicas de registro diversas como registro em vídeo, fotografia still e time-lapses. Não exclui-se a possibilidade do uso e manipulação de imagens de arquivo.

Câmeras: Canon DSLR 60D e GoPro HERO4 Black

Lentes: Canon 50mm f1.4 e Canon 18-135mm f2.8-4.5

Acessórios: Tripé, Showder Jerimundo, Baterias de 12v recarregáveis (alimentação Go-Pro).

Áudio: Microfone Direcional Yoga Ht 81, Microfone Lapela Yoga Em1 Csr 3020

#### **4.6 Entrevistados**

Antônio Apinajé – Liderança do povo Apinajé

Sara Sanches Sanches – CIMI

Merong Itapurumã – Artesão

Srwe Xerente - APIT

Narubia Werreria – Liderança da Nação Javaé

Arassari Pataxó – Liderança da Nação Pataxó

Nelson Tipuna - Artesão

Yara Brasil – Ativista Indígena

Hector Franco – Secretaria extraordinária dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas

Omar Antônio Hennemann – SEBRAE

André Cardoso – IBAMA

## 5. Conclusão

A Questão que se coloca como mote para o argumento principal do filme é que os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas não contemplam as necessidades urgentes dos povos tradicionais do Brasil, pelo contrário: explora comercialmente a imagem dos mesmos de uma forma racista e objetificante, tratando-os como seres exóticos.

A coincidência dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, um grande evento que “celebra” as culturas dos povos originários, com a votação da PEC-215 e a idealização do MATOPIBA, curiosamente acontecerem todos (os Jogos, a votação da PEC e as reuniões de implementação do MATOPIBA) na mesma data.

A pesquisa será direcionada a formas de linguagem que fuja das usuais estratégias de documentários de cunho jornalístico, como um narrador com voz em off ou as cartelas gráficas, o objetivo é buscar formas de construir um recorte imaginário, com aspectos experimentais que use da relação de afeto para a construção ideológica acerca desse momento histórico.

Nem todos os momentos emblemáticos do filme puderem ser usados no corte apresentado à banca, mas já em um árduo trabalho de decupagem, o material que acumulou mais de 20 horas de filmagem culmina em um filme curta metragem de 18 minutos.



## 6. Referências Bibliográficas

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Jogos Mundiais dos Povos Indígenas- Quem ganha, quem perde?**. CNBB, 2015.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Violência Contra os Povos Indígenas: Dados de 2014**. CNBB, 2015.

FONTTES, Virgínia. “Intelectuais e Mídia – Quem dita a pauta? In COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). **Comunicação e Contra-Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade, setembro de 1997. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/1084/5252>>.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal, o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

REZENDE, Luiz Augusto. **Documentário e Virtualização: propostas para uma microfísica da prática documentária**, Rio de Janeiro, UFRJ/CFCH, 2005.

STEDILE, João Pedro. **A questão Agrária no Brasil: Debate sobre a situação e perspectiva da reforma agrária na década de 2000**. São Paulo: editora Expressão Popular, 2013.

ZANONI, Magda; FERMENT, Gilles (Org's.) **Transgênicos para quem? Agricultura, Ciência e Sociedade**, Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011.

